

Lira Neto

maysa

**só numa
multidão de
amores**

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by LIRA NETO

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

KIKO FARKAS E ANA LOBO/ MÁQUINA ESTÚDIO

Foto de capa

JORGE BUTSUEM/ ABRIL COMUNICAÇÕES S/A

Índice onomástico

VERBA EDITORIAL

Revisão

ÉRICA BORGES CORREA

RENATO POTENZA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lira Neto,

Maysa : só numa multidão de amores / Lira Neto. — 2ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2966-9

1. Cantoras — Brasil — Biografia 2. Compositoras — Brasil
— Biografia 3. Matarazzo, Maysa, 1936-1977 I. Título.

17-05716

CDD-782.0092

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantoras brasileiras : Biografia 782.0092

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Dri

*Só digo o que penso
Só faço o que gosto
E aquilo que creio.*

*E se alguém não quiser entender
E falar pois que fale.
Eu não vou me importar com a maldade
De quem nada sabe.*

Maysa

(Trecho da canção “Resposta”)

Sumário

Prefácio à segunda edição 11

1. É preciso dizer adeus (1958) 15
2. Sentimental journey (1936-1953) 29
3. Marcada (1954-1956) 42
4. Ouça (1956-1957) 57
5. Meu mundo caiu (1957-1958) 70
6. Pelos caminhos da vida (1959-1960) 84
7. Voltei (1960) 98
8. Something to remember you by (1960-1961) 112
9. O barquinho (1961) 120
10. Canção do amor mais triste (1962-1963) 138
11. Demais (1963-1965) 149
12. Canto livre (1966) 161
13. Tristeza de nós dois (1967-1968) 176
14. Estranho mundo feliz (1969) 187
15. As praias desertas (1970-1972) 200
16. Hoje é dia de amor (1972-1974) 215
17. Até quem sabe? (1974-1976) 227
18. Morrer de amor (1977) 240

Epílogo 247

Agradecimentos 249

Entrevistados 252

Discografia 253

Bibliografia 279

Créditos das imagens 282

Índice onomástico 283

Sobre o autor 295

Prefácio à segunda edição

Foi numa tarde qualquer, lá pelo final de 2005. Tomava um café no escritório do amigo Fernando Morais, jornalista, autor de *Olga* e *Chatô*, quando ele me perguntou qual seria meu próximo livro. Na época, eu acabara de escrever *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar*, e ainda não tinha nenhum novo projeto editorial à vista. Mas, revelei, acalentava o plano de um dia encarar o desafio, quem sabe, de escrever a biografia de uma mulher.

“Mas não pode ser uma mulher qualquer”, fiz a devida ressalva. “Teria que ser uma mulher da pá virada, alguém com espírito transgressivo, contestatório, que tenha vivido sob o signo da insubmissão.”

Fernando pareceu gostar da ideia e, de imediato, por puro exercício criativo, lá estávamos nós elencando nomes femininos que pudessem se enquadrar em tais critérios. Trouxemos à baila personagens históricas das mais variadas épocas e das mais diversas áreas de atividade, incluindo escritoras, jornalistas, ativistas políticas, cientistas, além de uma ou outra figura do mundo do espetáculo: Bertha Lutz, Clarice Lispector, Jovita Feitosa, Leila Diniz, Nair de Teffé, Nise da Silveira, Patrícia Galvão. No meio do rol das biografáveis, em determinado momento, mencionei Maysa. Fernando soltou uma baforada do charuto, ofereceu-me outra xícara de café e, animado, informou: “Essa é fácil. Sou amigo do filho dela”.

Nem havia me dado conta da coincidência. Cerca de dois anos antes, estrea-ra nos cinemas brasileiros o filme *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim, baseado no livro homônimo de Fernando Morais. Na ocasião, os dois haviam se aproximado e construído uma relação de franca camaradagem. Eu não assistira ao filme e, pelo que lembre, nunca conversara com Fernando sobre o assunto. Antes que eu pudesse terminar o segundo cafezinho da tarde, sob minha anuência, ele apanhou o telefone sobre a mesa e ligou para Jayme, na expectativa de estabelecer uma possível ponte entre nós.

“Tenho um amigo que deseja escrever a biografia da sua mãe”, comunicou, enquanto me piscava o olho, em sinal de cumplicidade.

A ligação, entretanto, não produziu o efeito pretendido. Jayme Monjardim foi

educado, mas ao mesmo tempo desalentador. Disse já ter sido abordado antes, várias vezes, por outros jornalistas, todos com idêntico propósito. Sempre se recusara a levar adiante qualquer conversa naquele sentido. Afirmou ter consciência de que a vida de Maysa fora pontuada por episódios controversos e, não raro, maledicências. Permitir que alguém a biografasse, ponderou, poderia gerar constrangimentos à família ou ressuscitar antigas mágoas junto a amigos próximos.

Fernando, com delicadeza e diplomacia, agradeceu a atenção e pediu desculpas pelo incômodo. Após desligar, meio sem graça, reproduziu-me o diálogo que mantivera com o filho de Maysa. Nada feito, advertiu. Se eu não quisesse arranjar encrenca com o herdeiro legal da cantora, era melhor pensar em outro nome, sugeriu.

Na hora, lamentei o ocorrido. Depois, contudo, esqueci completamente o assunto. As velhas pendengas judiciais a respeito de biografias não autorizadas no Brasil me recomendavam prudência e bom senso. Já havia no meio editorial toda uma celeuma a respeito do anunciado livro sobre a vida do cantor Roberto Carlos, que estava sendo escrito pelo colega jornalista Paulo César de Araújo — e que depois viria a ser proibido pela Justiça. Tempos antes, Ruy Castro enfrentara uma ação de danos morais proposta pelas filhas de Garrincha, devido a *Estrela solitária*, a bela biografia sobre o craque botafoguense. O próprio Fernando Moraes estava sendo processado por causa de um único parágrafo de *Na toca dos leões*.

Assim, eu de fato já nem pensava mais no episódio quando, semanas depois, recebi um telefonema de Jayme Monjardim. Ele ligou para minha casa, após conseguir o número com Fernando. Havia me procurado para dizer que, morando no Rio, estava vindo a São Paulo para resolver questões de trabalho. Queria saber se eu poderia apanhá-lo no aeroporto, no desembarque da ponte aérea. Tinha algo para me entregar — e queria fazê-lo pessoalmente.

Imaginei que, incentivado por Fernando, Jayme decidira pelo menos me conhecer, para saber se, afinal de contas, o jornalista interessado em escrever sobre Maysa inspirava alguma confiança. Quanto ao que ele dizia estar trazendo para mim, eu não fazia a mais remota ideia do que fosse. Imaginei, talvez, uma fotografia familiar de Maysa, um disco antigo, um mimo do gênero. Uma prenda qualquer que servisse como demonstração de civilidade, algo simbólico, para desfazer o embaraço provocado por sua decisão prévia.

Para minha surpresa, todavia, Jayme trazia-me um magnífico tesouro. Lembro da cena, como se hoje fosse: quando a porta automática do saguão de desembarque do aeroporto de Congonhas abriu, vi Jayme postado à minha frente, com uma pequena mochila nas costas. Empurrava um carrinho de bagagem sobre o qual estava acomodada uma enorme caixa de papelão. Parecia uma daquelas embalagens dos gigantescos televisores com tubo de imagem. Apresentei-me. Depois dos cumprimentos de praxe, ele apontou para a tal caixa.

“Foi isso o que trouxe para você.”

Perguntei-lhe, curioso, o que havia ali dentro.

“Minha mãe”, respondeu, sério. “Maysa está aqui dentro.”

Enquanto eu, atônito, ainda procurava entender o que estava acontecendo, ele esclareceu: “Tudo o que Maysa deixou como recordação de sua vida e de sua carreira está aqui: fotos, cartas, diários, recortes de jornais e revistas, papéis pessoais, enfim, tudo. Tudo mesmo”.

Sabe-se lá como, Fernando o fizera mudar de ideia, compreendi.

Jayne me propôs então um trato. Todo aquele material ficaria comigo, sob minha guarda, pelo tempo que fosse necessário, para que eu pudesse escrever um bom livro. Essa era a única coisa que me pedia, a título de contrapartida: uma biografia que fizesse justiça ao talento e à vida de Maysa.

Devo ter balbuciado algo sem nexo. Não encontrei, no momento, palavras que expressassem o tamanho de minha gratidão e alegria. Dei-lhe um abraço, deixei-o no hotel em que ficaria hospedado e levei a imensa caixa para casa. Como ela não coube no porta-malas, acomodei-a no banco de trás do carro. No caminho, prometi a mim mesmo que honraria a confiança depositada. Escreveria um livro com a mesma liberdade, coragem e transparência com que Maysa vivera a sua curta e tumultuada existência. Um livro que a retratasse de corpo inteiro, que tentasse mergulhar nas complexidades de sua alma, que não se resumisse a descrevê-la simplesmente a partir dos estereótipos midiáticos de “deusa da fossa”, musa inspiradora dos boêmios, intérprete máxima das dores de cotovelo de toda uma geração.

Foram dois anos de trabalho, em que me vi envolvido, em tempo integral, no universo de Maysa. Entrevistei dezenas de pessoas, arrematei revistas e jornais de época em leilões virtuais, garimpei LPs e antigos 78 rpm em sebos de discos. Vasculhei arquivos de gravadoras, recorri a pesquisadores musicais, reconstituí os passos de Maysa nos lugares por onde cantou e viveu. Ouvi todas as suas gravações, descobri relíquias perdidas, li e reli os diários escritos por ela. Visitei os apartamentos onde morou, conversei com amigos e familiares, fui ao cemitério onde está sepultada. Consultei especialistas sobre dependência química, contratei pesquisadores assistentes, fiz algumas vezes o trajeto da ponte Rio-Niterói — cenário de sua trágica morte.

Quando o livro finalmente saiu, foi um sucesso imediato de público e crítica. Recebi diversas cartas e e-mails de leitores, colecionei generosas resenhas na imprensa. Nos lançamentos Brasil afora, ficava surpreso com a presença na plateia e nas filas de autógrafos de um público heterogêneo, onde pontificavam dois tipos de interessados na obra. De um lado, senhoras e senhores grisalhos, os fãs de Maysa de muitas décadas. De outro, jovens com tatuagens e piercings, adolescentes com aparelhinhos nos dentes e cabelos coloridos, uma garotada bacana que descobrira na cantora uma espécie de musa *cult* e transgressora.

Dez anos se passaram. Por motivos alheios à vontade do autor, o livro permaneceu longo tempo fora de catálogo. Agora, enfim, *Maysa: Só numa multidão de amores* ganha uma reedição. Se estivesse viva, a cantora estaria hoje com oitenta e um anos. Fico imaginando de que modo ela leria este livro. Tendo a acreditar

que julgasse o teor da narrativa muito doloroso, em determinados capítulos. Mas, ao mesmo tempo, gosto de imaginar, Maysa reconheceria que o aqui narrado se trata da reconstituição mais fidedigna e honesta possível da vida que realmente viveu, com todos os seus percalços, ousadias, êxitos e fracassos.

Afinal, como ela mesma cantou um dia, “se alguém não quiser entender/ e falar, pois que fale;/ eu não vou me importar com a maldade/ de quem nada sabe”.

1. É preciso dizer adeus (1958)

Sei que devo partir.

Só me resta dizer adeus.

(Vinicius de Moraes e Tom Jobim,
gravação de Maysa em 1958)

Naquela madrugada em Copacabana, de vestido branco sem alças e usando um colar de pérolas autênticas que dava seis voltas no pescoço, ela cantara como nunca. *Ninguém pode calar dentro em mim esta chama que não vai passar. É mais forte que eu e não quero dela me afastar.* Estava alguns quilos acima do peso. O início de um queixo duplo e as maçãs rechonchudas do rosto arredondavam-lhe as expressões. Mas os olhos, delineados com lápis preto e capricho, tinham o mesmo verde e o ar imperativo de sempre.

Como de costume, cantava de nariz empinado, com atitude superior, como se fulminasse a plateia com o olhar. *Só digo o que penso, só faço o que gosto e aquilo que creio.* Ao fim da última canção, imóvel no centro do palco sob a luz prateada do refletor, foi aplaudida de pé durante cerca de cinco minutos. Antes de desaparecer por trás da cortina de veludo escuro, nem sequer agradeceu às palmas que vinham das mesas imersas na penumbra e enevoadas pela fumaça dos muitos cigarros. Os que a viram pela última vez naquela noite dizem que bebeu uma dose de vodca nos camarins e partiu sozinha em direção ao seu apartamento, localizado ali perto, na rua Inhangá, 45, nas imediações do Copacabana Palace.

Aos 22 anos, a jovem Maysa era uma das estrelas mais bem pagas da música brasileira. A estreia da temporada na boate La Bohème, que lhe renderia um cachê de 140 mil cruzeiros por semana, cerca de 30 mil reais (valor considerado astronômico para os padrões da época), havia sido um sucesso. Era rica, famosa e cortejada por homens que dariam tudo para dividir um drinque com ela naquele abafado fim de noite do verão carioca. Mas, ao contrário do que sempre fizera depois de cada um dos shows, Maysa não aceitou o convite dos amigos para esticar a madrugada, para pular de bar em bar, esquecer o relógio e bater perna pela constelação de boates e restaurantes que compunham a paisagem boêmia do bairro. Enquanto os garçons ainda serviam doses generosas de cuba libre, hi-fi e uísque aos clientes da La Bohème — e quando estes não haviam se refeito do vendaval emocional provocado por mais uma apresentação de Maysa —, ela chegou em casa, tirou a roupa e abriu a torneira da banheira. Era 11 de fevereiro de 1958, uma terça-feira. Ninguém pode dizer exatamente o que houve entre

aquelas quatro paredes ladrilhadas de branco. Só se sabe que os vizinhos foram acordados por um grito de mulher no meio da noite. Nos dias seguintes, a notícia estava no rádio e nos jornais. Maysa tentara se matar, cortando o pulso esquerdo com gilete.

A imprensa não pôde deixar de explorar uma trágica coincidência: no dia anterior, 10 de fevereiro, o compositor Assis Valente, autor de clássicos como “E o mundo não se acabou” e “Uva de caminhão” — imortalizados na voz de Carmen Miranda —, cometera suicídio, ingerindo uma mistura fatal de guaraná com formicida. Maysa, contudo, negou com veemência que houvesse atentado contra a própria vida. Fez questão de receber os jornalistas em casa e, com o braço enfaixado, apoiado em uma tipoia improvisada com um finíssimo lenço de seda, disse que tudo não passara de um pequeno acidente doméstico. “Eu tentava abrir a porta do meu quarto quando minha mão resvalou, partindo o vidro”, explicou aos repórteres, exibindo os cacos da vidraça ao clique dos fotógrafos. “Imediatamente procurei um médico conhecido, que me fez os curativos”, afirmou. Ninguém acreditou em história tão prosaica. Não era a primeira vez que Maysa, a deusa das canções de dor de cotovelo, a rainha absoluta da música de fossa, aparecia com um curativo no pulso, alegando ter sofrido um reles acidente caseiro.

Um mês antes, em janeiro, ela adentrara às 5h45 da manhã no setor de emergência do Miguel Couto, um dos mais movimentados hospitais do Rio de Janeiro, com uma hemorragia no pulso esquerdo provocada por um ferimento com objeto cortante. Como da segunda vez, garantiu aos jornalistas que não tentara o suicídio. “Vocês vieram saber se eu morri?”, indagou-lhes à queima-roupa, com o estilo habitualmente despachado. “Como estão vendo, estou mais viva do que nunca, muito embora esteja amolada com esses boatos que correm a meu respeito”, prosseguiu, no mesmo diapasão.

Um detalhe não passou despercebido ao jornal *Diário Carioca*, que no início da década de 1950 modernizara o estilo dos textos na imprensa brasileira: “Maysa trazia uma grossa pulseira que lhe escondia o pulso esquerdo e, apesar do calor, usava uma blusa de mangas compridas”. Poucas horas antes daquela entrevista, a secretária particular da cantora, Zoraide Aun, mandara embora outro grupo de repórteres, negando qualquer tentativa de suicídio por parte de Maysa. Como prova, exibiu aos jornalistas um aparelhinho que era uma das novidades tecnológicas recém-chegadas ao Brasil, junto com o radinho de pilha, a televisão e a lambreta: o barbeador elétrico.

“Nesta casa não se usa gilete”, assegurou Zoraide.

Pela versão da secretária, Maysa escorregara na hora do banho ao pisar no sabonete. Caíra e machucara o braço. Mas a redação de *O Jornal* revelaria aos leitores um suposto boletim surrupiado dos prontuários do Miguel Couto, em que se lia a seguinte anotação:

Maysa Matarazzo, brasileira, branca, 22 anos, residente na rua Inhangá, 45, apartamento 704. Etilismo agudo, excitação psicomotora e escoriações na região do pulso esquerdo em consequência de tentativa de suicídio.

Ainda assim, Maysa continuou negando o episódio e disse que o tal boletim era falso como uma cédula de três cruzeiros. E, mais uma vez, pediu à imprensa para deixá-la em paz. “Olhem, tenho um filho de um ano e oito meses, uma carreira pela frente e um grande futuro. Vocês acham que eu pensaria em me matar, eu, que consegui tudo isso com apenas 22 anos?”, interrogou, de forma dramática, ao *Diário Carioca*. Os apelos de Maysa foram em vão. O comportamento pouco ortodoxo fazia dela um alvo fácil para o apetite da mídia. As especulações sobre os exatos motivos das duas prováveis tentativas de suicídio eram as mais variadas, mas todas apontavam para causas passionais. Os jornais que bisbilhotavam a vida da cantora afirmavam que ela estava arrasada porque, dias antes, brigara feio e pusera para fora de casa aos pontapés um dos muitos namorados dessa época, o playboy Marco Túlio Galvão Bueno, conhecido nas rodas noturnas do Rio como “Marquinho, o bom”.

As revistas de fofoca preferiram ventilar a hipótese de que o caso até então secreto de Maysa com Cesar Thedin — arquiteto, empresário e boêmio que pouco mais tarde casaria com a atriz Tônia Carrero, considerada à época a mulher mais bonita do Brasil — havia sido descoberto pela namorada oficial do galã, a também cantora Elizeth Cardoso. A revelação daquele triângulo amoroso teria provocado um sério atrito entre as duas colegas de ofício (e amigas de longa data), o que deixara Maysa mortificada. Mas houve quem nunca apostasse uma estampa de sabonete Eucalol em tal versão. “Lembro que tempos depois tanto Maysa como Elizeth me contaram essa história da primeira roubar o namorado da segunda entre gargalhadas”, garantiria o compositor, produtor musical, escritor e poeta Hermínio Bello de Carvalho, amigo de ambas.

O que se sabe com certeza é que, naquela mesma semana em que teria tentado o suicídio pela primeira vez, Maysa deixara a ver navios a plateia da boate em que se apresentaria, o Club 36, na rua Carvalho de Mendonça, em Copacabana. Desaparecera poucos minutos antes do horário previsto para subir ao palco e, sem avisar ninguém, fora assistir ao show de Elizeth Cardoso a duas quadras distantes dali, em uma das mesas do Au Bon Gourmet — “o lugar onde melhor se come no Rio à noite”, dizia-se. Quando Elizeth viu a amiga, cumprimentou-a do palco, efusivamente. Maysa levantou-se e gritou a frase que ficaria célebre: “Meu maior desejo era ser homem, preto, pianista e bêbado. Como vocês sabem, não consegui ser homem, negro, nem pianista”, o público riu e Maysa continuou: “porém ainda tenho um sonho: ser Elizeth Cardoso”.

Casos como aquele estampavam as páginas dos jornais logo no dia seguinte e ajudavam a fazer de Maysa o assunto predileto das colunas que viviam de chafurdar a vida alheia. Apesar de reclamar do assédio da imprensa, o fato é que ela mesma se divertia com as manchetes e notinhas maldosas que pipocavam a seu

respeito. Coleccionava com desvelo cada recorte de jornal ou de revista que trouxesse seu nome, ainda que em boa parte deles fosse descrita como uma mulher atormentada pela bebida e acoçada pelas decepções amorosas. “Vi Maysa tomando uísque por um canudinho de refresco”, noticiava a maliciosa coluna “Mexericos da Candinha”, na popularíssima *Revista do Rádio*, publicação que podia ser comprada em qualquer banca de revista por quinze cruzeiros — o preço de dois maços de cigarro Continental sem filtro — e que vendia cerca de 300 mil exemplares semanais. O colunista e compositor Nestor de Holanda, no *Diário Carioca*, tripudiava: “Maysa está cortando tanto os pulsos que vai acabar uma Vênus de Milo”.

Ela tinha consciência de que a causa de seu êxito estrondoso como artista — além da voz indiscutivelmente singular, meio rouca, meio aveludada — residia também na imagem pública que construía como musa imbatível — e sofisticada — do desencanto e da melancolia. Era uma espécie de Edith Piaf dos trópicos, uma Julie London em versão nacional. Para a estreia na *La Bohème*, por exemplo, exigira traje de gala à plateia, o que provocara protestos do jornalista e compositor Antônio Maria: “Não fui, porque o meu smoking está na base do *engole ele paletó*”, reclamou o velho Maria, amigo e fã assumido da cantora, em sua coluna publicada no jornal *O Globo*. Mas a decantada elegância de Maysa — que afirmou para uma revista ter no guarda-roupa dezenas de vestidos assinados por Balenciaga, Chanel, Dener e Dior, e que só usara cada um deles uma única vez — era devidamente temperada com uma atitude de aberta transgressão.

Recém-desquitada, em um tempo em que as mulheres separadas eram estigmatizadas como prostitutas, Maysa mandara para os ares o casamento com o milionário paulista André Matarazzo e, para duplo escândalo da alta sociedade de São Paulo, abraçara a vida igualmente duvidosa de cantora de rádio. Para os meios mais ilustrados, era considerada uma espécie de diva existencialista em pleno luar de Copacabana. Bráulio Pedroso, que viria a ser um bem-sucedido autor de telenovelas, assinou naquele ano de 1958 uma resenha na *Gazeta Esportiva* sobre o livro *O garden-party*, da contista neozelandesa Katherine Mansfield. “Resumindo, diria que as histórias de Mansfield têm um quê da nostálgica voz de Maysa”, escreveu Pedroso, ao final do artigo. “Há gritos incríveis dentro de mim, que me povoam da mais imensa solidão”, anotou por essa época a própria Maysa em seu diário particular.

Em pouco mais de um ano de carreira, ela atingira o topo do sucesso. Gravara até ali dois álbuns de dez polegadas (com oito músicas cada) e quatro discos de 78 rpm (com duas canções cada um). Foi o suficiente para ganhar o disputado troféu Roquette Pinto — a mais importante premiação do rádio e da televisão brasileira à época — na categoria de cantora revelação de 1957. A *Radiolândia*, revista especializada em música, e o Clube dos Cronistas de Discos concederam-lhe, separadamente, o mesmo título de “maior cantora do ano”. E no instante

em que a televisão brasileira apenas engatinhava, Maysa estrelava dois programas só seus, transmitidos um no Rio de Janeiro, pela TV Rio, às quintas-feiras, outro em São Paulo, pela TV Record, às quartas, com patrocínio da Bombril e dos biscoitos Piraquê.

Em março de 1958, depois de também ser declarada pela *Revista do Rádio* “a maior revelação feminina da televisão carioca em 1957”, ela renovaria o contrato com as duas emissoras por mais 24 meses, passando a receber a quantia total de 2,4 milhões de cruzeiros — valor duas vezes e meia superior ao prêmio milionário oferecido ao arquiteto Lucio Costa pelo primeiro lugar no concurso que escolheu o projeto-piloto de Brasília, a nova capital que seria inaugurada dali a dois anos. O nome de Maysa era uma verdadeira fábrica de fazer dinheiro. Seus discos vendiam tanto quanto a gemada em pó Kibon e os coloridos bambolês, outras duas coqueluches que tomaram conta do país naquele ano. A cada semestre, a conta bancária engordava cerca de meio milhão de cruzeiros só em direitos autorais, o suficiente para pagar quase um ano de salário do craque Didi, ídolo do Botafogo e da seleção que conquistaria a primeira Copa do Mundo para o Brasil, dali a três meses, nos gramados da Suécia.

A despeito de ela ter a imagem devassada pela imprensa sensacionalista, os patrocinadores disputavam Maysa a peso de ouro. Os fabricantes do esmalte e batom Fetiche aproveitaram uma entrevista que ela concedeu ao programa *Discomania*, da Rádio Record, para presentear-lá no ar com uma coleção completa de cosméticos da marca, “em quantidade suficiente para o uso de um ano”. Maysa posou para as fotos — com o braço esquerdo ainda enfaixado — e faturou mais uma bolada.

Em anúncios de página inteira na *Radiolândia*, lá estava ela emprestando o rosto para a propaganda da embalagem “tamanho gigante” do sabonete Cinta-Azul, produzido pela fábrica do empresário e compositor Fernando César — de quem Maysa gravara em seu segundo disco a canção “Segredo” —, e que conforme o texto da publicidade deixava “uma sensação de frescor e vitalidade na cútis”. Além de tudo isso, Maysa provocou uma maré inflacionária nos cachês pagos aos artistas nacionais pelas casas noturnas do Rio e São Paulo. Antes dela, apenas atrações internacionais faturavam mais de 20 mil cruzeiros por apresentação no Brasil. Ao final daquele ano, passaria a exigir 50 mil por noite para soltar a voz.

Maysa não colecionava apenas desaforos em letra de forma. “Na história dos nossos meios artísticos, ela constitui um verdadeiro recorde de ascensão ao estrelato”, diria o jornal *O Globo*. “Ouvi e vi Maysa cantando na tevê. Seu talento e sua voz são coisas que já nem se discutem. Mas seus olhos são qualquer coisa de maravilhoso. Refletem toda a beleza e grandiosidade interior que há em Maysa”, registraria a coluna assinada pela atriz Odete Lara, no jornal *Última Hora*. Os olhos verdes de Maysa consistiam em uma atração à parte. No programa de televisão, eram explorados em closes fechados que, para suspiro dos corações masculinos, enchiam a tela em preto e branco dos aparelhos Standard Electric de 21 polegadas e gabinete em imbuia, os mais vendidos à época.

Se para o olhar felino de Maysa recaíam todos os elogios, o mesmo não se podia dizer dos cabelos, propositadamente despenteados, em um tempo em que as mulheres costumavam torrar pequenas fortunas em perucas, laquê e *mise-en-plis*. Os cabelos sempre desarrumados — na verdade, desalinhados com capricho — ajudavam a compor a imagem de rebelde e a produzir apelidos jocosos na imprensa, a exemplo de Maysa-Perdi-Meu-Pente, como a ela se referia o jornalista Mattos Pacheco, titular da coluna “Ronda”, no *Diário da Noite*. “É uma cantora agradável. Desagradável nela são aqueles cabelos abandonados sobre sua cabecinha, que é um tanto quanto vazia, segundo dizem por aí”, espinafrava Maurício de Almeida nas páginas do jornal *Imprensa Popular*.

A tarde em que Maysa foi flagrada por um fotógrafo em um salão de beleza, sentada na cadeira de um cabeleireiro, virou matéria de primeira página: “O impossível aconteceu!”, alardeou aos quatro ventos o escandaloso *Diário da Noite*, assim mesmo, com exclamação e tudo, em uma das manchetes da edição do dia seguinte. Mais uma vez, Maysa ria das críticas e tratava de alimentá-las um pouco. Quando a coluna “Mexericos da Candinha” insinuou que talvez ela penteasse os cabelos com o auxílio de um ventilador, não teve dúvidas: chamou a *Revista do Rádio* e posou para uma fotografia que virou pôster central, publicada em cores, em uma edição de agosto de 1958. Na foto, Maysa finge que usa um ventilador portátil em vez do pente. “A última moda. Experimentem a receita de Maysa”, dizia o texto ao pé da página.

“Não tomo conhecimento do que dizem de mim. Gosto da vida que levo e não a troco por nada neste mundo”, desabafou Maysa nessa época à repórter Yvonne Felman, da *Última Hora*.

Uma das regras do mercado fonográfico da época era fomentar supostas rivalidades entre artistas populares. Atiçava-se com vara curta a histeria dos respectivos fã-clubes, que levavam a sério as contendas e se encarregavam de transformar em guerra declarada o que era mero marketing das gravadoras, arquitetado em aberta cumplicidade com a imprensa especializada. Nem só de gritinhos e desmaios viviam tais alterações. Em programas de auditório transmitidos pelo rádio, muitas vezes os partidários desse ou daquele ídolo chegaram às vias de fato, depois de se ameaçarem mutuamente com pedaços de pau e bandas de gilete. Quanto mais acirradas eram as diferenças entre os admiradores, mais caminhões de discos eram vendidos de lado a lado.

Pois naquele ano de 1958 os jornais e revistas ensaiaram reeditar a histórica polêmica da década anterior, protagonizada entre as cantoras Emilinha Borba e Marlene, uma espécie de Fla-Flu musical, em que a primeira fazia o papel de boa moça e a outra assumia a imagem de mulher rebelde. Dessa vez, imaginaram os produtores, a personalidade controvertida de Maysa talvez fosse o ingrediente perfeito para encarnar a mais autêntica e sofisticada das *bad girls* de todos os tempos. Primeiro tentaram indispor os fãs de Elizeth Cardoso com os de Maysa e

vice-versa. “Vou exemplificar a fronteira entre as duas: é a mesma diferença que há entre o *foie gras* (Maysa) e o salame (Elizeth)”, diria o cáustico Jorge Ribeiro, que assinava com o pseudônimo de Cagliostro a coluna “Ciranda”, no *Diário da Noite*. Não deu certo. Embora alguns acreditassem que a relação entre as duas cantoras estivesse azedada depois do episódio envolvendo a disputa pelos afagos do bonitão Cesar Thedin, os fãs não embarcaram naquela evidente arapuca.

Depois foi a vez da *Revista do Rádio* tentar promover um bafafá entre Maysa e Ângela Maria. Ângela, apelidada de Sapoti pelo então presidente Getúlio Vargas por causa da brejeira morenice, fora eleita a “Rainha do Rádio” em 1954, vencedora do Roquette Pinto de 1957 como melhor cantora e campeã de vendas de discos em todo o país. “Maysa e Ângela continuam odiando-se cordialmente”, provocou Candinha, em mais um de seus mordazes mexericos. A mesma revista logo tratou de indagar às duas cantoras, por escrito, quais as opiniões que uma tinha a respeito da outra. O resultado foi editado em página dupla, sob o título “Ângela julga Maysa e Maysa julga Ângela”, em letras garrafais. Ao lado de fotos que iam de cima a baixo em cada página, nas quais as artistas apareciam igualmente com a mão no queixo em pose de enfado e desafio, liam-se as seguintes arengas: “Sou sincera: acho que Maysa não é elegante. Elegância exige bom gosto e ela não mostra isso na escolha de seus vestidos”, atirava uma. “Ângela fica melhor de roupa escura. Achei-a horrível com aquele vestido amarelo, moda saco, que usou outro dia”, ferroava a outra. Iam por aí afora até o duplo nocaute técnico: “Entendo que Maysa ficaria mais bonitinha penteada do que com aqueles cabelos assanhados”. “Acho bonito o narizinho de Ângela, embora ele seja um pouco atrevidinho.”

A fanfarra não seguiu adiante. O fato é que nem Ângela Maria nem Maysa precisavam posar de “amigas da onça” — para usar uma expressão que estava na moda por causa do irreverente personagem criado pelo cartunista Péricles, o Amigo da Onça, nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Tanto uma como a outra já dispunham de publicidade suficiente e os fãs mais fiéis — especialmente os de Maysa — não se encaixavam no estereótipo das chamadas “macacas de auditório”, como as moças histéricas que se rasgavam por seus ídolos nos programas de rádio haviam sido apelidadas, de forma depreciativa, pelo jornalista Nestor de Holanda. “Acho esse termo de muito mau gosto”, diria Maysa em entrevista. “Penso que nesta classificação existe uma total falta de respeito humano, embora eu não tenha nada contra os macacos em geral. Tem alguns que são muito amigos meus, e outros que até trabalham comigo”, completaria, com a acidez que lhe era peculiar.

Quem se debruçar sobre a coleção de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo naquele ano de 1958 vai chegar a uma assombrosa constatação: entre 1º de janeiro e 31 de dezembro não houve um único dia — e isso, acredite-se, não é força de expressão — em que Maysa não tenha sido notícia em pelo menos um

órgão da imprensa carioca ou paulista. Quando não estava sendo incensada nas páginas de crítica musical ou torpedeada nas colunas de fofocas, a onipresente Maysa rendia assunto quente até para o noticiário político. Diante da enorme popularidade que desfrutava, surgiram rumores de que ela havia sido sondada pelo diretório do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), no Rio, sobre uma possível candidatura a deputada federal. A ideia teria partido de ninguém menos que João Goulart, o Jango, vice do presidente Juscelino Kubitschek. Enquanto isso, em São Paulo, informações de bastidores davam conta de que o prefeito Adhemar de Barros havia convidado a cantora para disputar uma cadeira de vereadora pelo Partido Social Progressista (PSP), na Câmara Municipal paulistana. “Jango e Adhemar convidaram Maysa Matarazzo”, trombeteou a *Última Hora*. Ao ler aquilo, Maysa tratou de convocar uma entrevista coletiva para desmontar a central de boatos: “Não serei candidata nem sou mais Matarazzo”, esbravejou.

Ela não concorreu mesmo às eleições e, coincidência ou não, à falta de outro candidato que empolgasse o eleitorado naquele ano, o rinoceronte Cacareco acabaria recebendo cerca de 100 mil votos para vereador em São Paulo. Despedindo-se das páginas de política, Maysa retornaria às seções musicais, não sem antes deixar de fazer uma ou outra aterrissagem pelo noticiário policial. Além das manchetes sobre as duas tentativas de suicídio, a imprensa publicara no começo do ano, em 21 de janeiro, uma foto dela a bordo de um jipe da PM carioca, quando fora prestar depoimento no Segundo Distrito, na rua Hilário de Gouveia, em Copacabana. “Maysa pensou que ia ser vítima de chantagem e mandou prender os fãs”, noticiou *O Jornal*. A confusão começou quando a cantora recebera um telefonema de alguém que se identificara como irmão do deputado Nelson Carneiro, do Partido Libertador (PL), dizendo ter um assunto urgente, de natureza política, a tratar com ela. Maysa convocou o interlocutor para uma reunião em seu apartamento, mas imediatamente depois ligou para o gabinete de Nelson Carneiro e constatou que quem lhe telefonara usara falsa identidade e um pretexto esfarrapado. Precavida, chamou a polícia. Midiática, convocou a imprensa.

Quando o irmão postiço de Nelson Carneiro tocou a campainha do apartamento da rua Inhangá, em companhia de outros dois homens, policiais e fotógrafos caíram em cima deles. Os três foram em cana e, para a festa dos repórteres à cata de escândalos, Maysa foi convidada a seguir com o trio para a delegacia, a fim de lavrar o devido boletim de ocorrência. Diante do delegado, a pinimba foi esclarecida. Os três rapazes — o comerciante Cid Ribeiro, o bancário Juarez Jacinto Serpes e o operário Astoril de Souza — eram fãs incondicionais de Maysa e armaram a história para conseguir um encontro com ela, com o objetivo de lhe pedir para gravar um samba-canção composto por Astoril. “Maysa está em plena maré publicitária”, não perdeu a imprensa, acusando-a de forjar aquele mal-entendido.

Enquanto os jornalistas brasileiros fuçavam a vida de Maysa em busca de novas manchetes explosivas, os periódicos uruguaios e argentinos começavam a

render-se à sua voz. Em janeiro, ela fizera a primeira viagem internacional como cantora, apresentando-se no suntuoso hotel-cassino San Rafael, em Punta del Este, Uruguai. O final da turnê coincidira com uma tragédia para Maysa, em particular, e para a música brasileira, em geral. Cinco dias depois de retornar ao Brasil, ela soube que o amigo e ex-namorado Almir Ribeiro, um jovem e promissor cantor em início de carreira, dono de um vozeirão que arrancara elogios derramados de Vinicius de Moraes — de quem Almir fora um dos primeiros a gravar a antológica “Se todos fossem iguais a você” —, acabara de morrer afogado, aos 22 anos, em uma praia de Punta del Este, onde estava se apresentando junto com um grupo de artistas brasileiros comandados pelo “Rei da Noite”, Carlos Machado.

“Almir era para mim como um irmão”, lamentou Maysa. “Era em minha casa que ele ensaiava no começo de carreira. No início não tinha muita confiança em si próprio, tendo eu muitas vezes o aconselhado. Mas ultimamente já tinha mais segurança de seu talento e de sua voz, que de fato era belíssima”, disse ela à *Folha da Noite*. “Entre todos os presentes ao velório de Almir Ribeiro, Maysa foi uma das últimas pessoas a estar com ele, no Uruguai, onde o encontrara cheio de vida e alegria”, informou o jornal. Não faltou quem insinuasse, com doses cavalares de maledicência, que a melancólica Maysa não era companhia de bom agouro. Pela primeira vez na vida, ela não achou nenhuma graça na piada, de explícito mau gosto. Os recortes com tais notinhas ficaram fora de sua minuciosa coleção.

Seis meses depois daquele drama, Maysa rumava para a Argentina, onde cumpriria breve e badalada agenda no elegante King’s Club, localizado na rua Córdoba, 937, em Buenos Aires. A imprensa portenha, que a tratou o tempo todo como “*la hermosa Maysa*”, não cansou de lhe elogiar os “olhos de gata” e a voz “cálida e sensual como costumam ser as noites cariocas”, conforme definiu o jornal *El Nacional*. A futura escritora Susana Guzner, então uma garotinha de apenas treze anos de idade, recordaria quase cinco décadas mais tarde, radicada na Espanha, o impacto que lhe produziu a imagem de Maysa, vestida de negro, cantando no Canal 7, a televisão pública argentina: “Era tarde da noite e eu devia já estar dormindo, mas ouvi aquela voz e me postei ao lado do televisor. Não havia apresentador nem mais nada. Era apenas Maysa e a câmera, sobre um fundo escuro. Lembro como se fosse hoje dos *closes* em seus belos olhos, que já supus de um verde profundo a despeito da imagem ser em preto e branco”.

No Brasil, a edição de setembro da *Mundo Ilustrado*, a primeira revista impressa em rotativa no país, dirigida pelo jornalista e escritor Joel Silveira, repercutia em duas páginas o sucesso de Maysa na Argentina em um texto assinado pelo correspondente Newton Freitas:

Cantando com graça e malícia, Maysa está em Buenos Aires arrancando aplausos, comovendo o público tão blasé e tão farto de celebridades mundiais como é o caso do portenho que frequenta o King’s. Maysa, com o seu jeito tão pessoal, está em

grande resplandecência. A menina grande que é perturba mesmo os mais prevenidos e os mais céticos. Maysa não canta tango, porém, já é dona da noite em Buenos Aires.

Quando retornou ao Brasil, os jornais noticiaram que ela estava disposta a montar a própria boate, o Maysa Club. “Maysa quer ser dona de seu nariz”, anunciou um dos mais célebres colunistas dos chamados “Anos Dourados” no Rio de Janeiro, Jacinto de Thormes, pseudônimo que o jornalista Maneco Muller tomara emprestado ao protagonista do romance *A cidade e as serras*, do escritor português Eça de Queiroz. “Maysa já entrou em entendimentos com o francês Henri, proprietário do Club 36. Ofereceu 1,2 milhão de cruzeiros”, escreveu o sempre bem informado Maneco Muller, ou melhor, Jacinto de Thormes, que aparecia na foto de sua coluna “Sociedade e Adjacências”, na *Última Hora*, com cabelos brilhantizados com glostora e fumando num longo cachimbo inglês.

A notícia procedia. Segundo deixou registrado nos diários, Maysa pensou realmente em comprar uma casa noturna. No entanto, os entendimentos com o Club 36 naufragaram, assim como as negociações com os donos da La Bohème, a quem também fez oferta semelhante. De acordo com suas anotações, as dívidas que tanto uma boate como a outra haviam acumulado tornavam qualquer negócio contraproducente. Assim, a carreira de empresária da noite terminou antes de começar. “Continuarei cantando, que ainda é a melhor coisa que sei fazer”, explicou Maysa à imprensa. E, nisso, ela tinha toda a razão.

Tanto que o ano terminaria com duas grandes temporadas de Maysa na boate Meia-Noite, do luxuoso Copacabana Palace, em cujos salões já haviam desfilado estrelas internacionais como Marlene Dietrich, Yves Montand, Ella Fitzgerald, Edith Piaf, Nat King Cole e Sammy Davis Jr. A primeira temporada, em setembro, arrancou adjetivos entusiasmados de toda a imprensa. “No Rio, sábado, fui ver de perto o sucesso de Maysa no Copacabana Palace Hotel. Sucesso absoluto, com Maysa em sua melhor fase”, garantia Mattos Pacheco no *Diário da Noite*. “Nunca Maysa cantou tão bem, interpretando tão bem. A melhor Maysa de todos os tempos. Ao final do show, teve que voltar três vezes, cantar quase mais uma hora seguida. Sucesso, sucesso, sucesso”, proclamava Pacheco. Antônio Maria, na coluna “Mesa de Pista” no *O Globo*, também exultava: “Maysa, como eu já esperava, está levando muita gente ao Copacabana”.

As más línguas garantiam que uma das exigências do contrato com o Copacabana era a de que ela se apresentasse com os cabelos domados. “Ela está se apresentando muito bem. E penteada”, espetou Pedro Muller em seu “Giro em Sociedade”, na *Tribuna da Imprensa*. Jacinto de Thormes, na *Última Hora*, destoava do coro geral: “Maysa penteada não é a mesma coisa”. Para aquele mesmo jornal, a cantora faria o desabafo: “Acredito que estejam tentando um complô contra a minha pessoa, inexplicavelmente. Espero que certos cronistas se informem me-